

CRÍTICA / LIVRO / A EXTRAORDINÁRIA ZONA NORTE

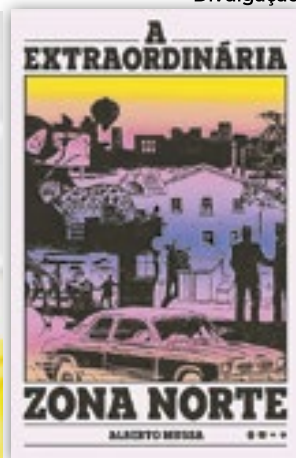
Por Olga de Mello

“Uma cidade se define pela história dos seus crimes”, diz o carioca Alberto Mussa, cuja última indicação para o prêmio Jabuti foi “A Extraordinária Zona Norte”, romance policial ambientado nos anos 1970. O Jabuti não veio, mas o autor coleciona premiações. Publicado em 19 países e em 16 idiomas, já ganhou o prêmio da Academia Brasileira de Letras, o Casa de Las Américas, o da Associação Paulista de Críticos de Arte, o da Fundação Biblioteca Nacional e o Oceanos.

Entre 1999 e 2018, Mussa, que costuma fundir a tradição narrativa ocidental a relatos de mitologias afrobrasileira, da indígena brasileira e da Arábia pré-islâmica e do Brasil, lançou cinco romances de suspense, cada um ambientado em um século da história do Brasil. As novelas, reunidas no Compêndio Mítico do Rio de Janeiro, acabam de voltar ao mercado pela Record.

“A Extraordinária Zona Norte” (Todavia, R\$ 75,90) também traz a carioca mestiçada e sincrética cuja construção é demonstrada nos cinco volumes do Compêndio. Concebida, segundo o autor, como narrativa “elusivamente autobiográfica”, se transcorre nos lugares que compõem seu “mapa-mundi afetivo”, os bairros do Andaraí e Grajaú, onde cresceu. A afetividade se expressa nos retratos acurados de personagens como o cego Jorge,

O extraordinário Alberto Mussa



Divulgação

Alberto Mussa
costuma fundir a tradição narrativa ocidental a mitologias afro-indígenas brasileiras

vidente que comanda “de ouvido” a bateria da escola de samba local. Um guardião da história, uma junção, talvez, do poeta grego Homero e do argentino Jorge Luiz Borges, auxilia o detetive Domício Baeta a desvendar

mistérios.

Baeta é um desses detetives da literatura contemporânea carioca: medíocre, decadente, mas um excelente leitor, que desfia conhecimento e conclusões a partir de suas leituras

de clássicos. Ele sai à procura do tio, policial que desapareceu depois de uma chacina, em 1966, quando surgem indícios de que é possível encontrar o paradeiro dos alvos da matança. É nos anos 1970 que as execuções de criminosos começam a se tornar corriqueiras, com o Esquadrão da Morte, outro nome da Scuderie Le Cocq, um grupo de policiais que pretendia vingar o assassinato de um detetive. Os exterminadores de bandidos ganham força na ditadura, enquanto os chefes do jogo do bicho pairam como poder paralelo.

Cada volume pode ser lido separadamente e sem seguir a ordem cronológica nas histórias reais que servem de pano de fundo para crimes fictícios. Passado em 1567, “A primeira história do mundo” trata do crime passionai que teria envolvido 15% da população carioca em sua resolução, numa época de piratas, indígenas e aventureiros disputando as terras da Guanabara. “O trono da Rainha Jinga” traz crimes supostamente planejados por uma irmandade secreta de escravizados, no Rio do século 17. “A biblioteca elemental” parte de um assassinato, com testemunhas, em 1733, no que viria a ser o Largo da Carioca. “A hipótese humana” apresenta o assassinato de uma jovem dentro da chácara da família, no Catumbi, em 1854. Já “O senhor do lado esquerdo” acompanha as investigações do assassinato do secretário do presidente da República num prostíbulo, em 1913.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

ASSASSINATO NO VERÃO DE 1999

Jeneva Rose traz daqueles irresistíveis thrillers que expõem as dificuldades da convivência de uma família quando morre a matriarca. A filha mais velha, Beth, jamais deixou a cidadezinha e cuidou da mãe até o fim. Nicole, a do meio, se afastou de todos por causa da dependência química, enquanto o caçula bem-sucedido, Michael, não encontra as irmãs desde que o pai abandonou a família, sete anos atrás. Ao verem um vídeo mostrando o pai coberto de sangue, os três irmãos precisam decidir se investigam o que aconteceu ou se concentram em viver o presente. (Intrínseca, R\$ 59,90)

Divulgação



O PRATO VAZIO

Como falar de fome e desigualdade social com crianças que desconhecem tal realidade? Adriana Falcão e o ilustrador Bruno de Almeida trazem o tema para pequenos leitores pelo ponto de vista de um prato, alinhando sua história através de indagações como “faz sentido uma pessoa com fome, uma criança com fome, um prato vazio?”. O prato pertence a uma menina, cuja mãe precisa decidir se compra feijão ou se paga um crediário. O questionamento sobre o valor do dinheiro versus o atendimento às necessidades básicas suscita reflexões profundas junto aos pequenos. (Ação Editora, R\$ 73,90)

Divulgação



A POSIÇÃO DAS COLHERES E OUTRAS INTIMIDADES

Os artigos, discursos e pensatas de Deborah Levy, partem do espaço doméstico dos objetos cotidianos para pensar na relação da arte, cinema, a rotina diária com a vida de cada um. O cheiro dos limões à mesa, a libertária obra literária de Colette, a sensualidade como combate à pobreza e ao não-pertencimento sofridos por Marguerite Duras na Indochina, transcritos em seu romance “O amante” são algumas das reflexões oferecidas por alguém que trata a imaginação como fator da realidade. (Autêntica Contemporânea, R\$ 53,99)

Divulgação

